

UMA CASA SINGULAR

A casa de que desta vez se fala fica na Figueira da Foz, no emaranhado das ruelas mais antigas, nos seus limites junto ao chamado “Bairro Novo” – o fabuloso conjunto “Art Deco” (para simplificar uma classificação que, do ponto de vista da História da Arquitectura, não será a mais correcta) que, apesar de todos os atentados que tem sofrido, se mantém ainda com uma qualidade bastante considerável. Constitui, aliás, um dos bons exemplos de urbanismo que conheço bem expresso no uso que dele fazem os seus habitantes e visitantes ou de que é prova irrefutável a vida e o “pulsar” que o caracterizam. É um lugar onde tudo está ao alcance de um passeio a pé de não mais de 10 minutos.

Pena é que não tenha sido possível manter alguns dos edifícios e espaços mais significativos deste local, como por exemplo os do Casino – o magnífico “Pátio das galinhas” (designação comum entre os que conheceram a Figueira desses tempos “gloriosos”), ou o Hotel Portugal, que foi demolido para dar lugar a uma aberração de betão que rompe sem qualquer graça a escala e a malha do lugar, e tantas outros que foram desaparecendo. Mas, apesar de tudo, parece que já vai havendo mais consciência do valor que este conjunto representa, da singularidade que esta terra soube preservar. Esperemos que não se façam mais asneiras e que, a fazer-se qualquer coisa, seja para repor qualidade, implodindo alguns “monstros” se necessário fôr.

A casa em questão estava à venda já há algum tempo, quando demos por ela depois de um jantar no Búzio – um dos melhores (se não o melhor) lugares de “comedorias” desta Terra.

Após uma primeira visita proporcionada pela mediadora, apercebemo-nos imediatamente do seu potencial como eventual casa de férias, apesar da necessidade de obras e do facto dos seus cerca de 3m de largo (ou de frente) por 13 m de comprimento (ou de fundo), constituírem um factor que, à partida, se poderia considerar bastante dissuasor - apesar dos 3 pisos habitáveis.

No projecto de reconstrução decidimos manter o sistema estrutural – de madeira – e as fachadas, refazendo os tabiques interiores (que foram em grande parte suprimidos e/ou substituídos por paredes de gesso cartonado) e todos os materiais de acabamento e infraestruturas. Introduziu-se apenas uma novidade, na cobertura, que consistiu na colocação de janelas de sótão, que vieram proporcionar condições mais eficazes de iluminação e arejamento ao espaço tão estreito e comprido e, assim, muito sombrio no interior.

O resultado é um conjunto de espaços muito fluidos, agora bastante mais iluminados e arejados, em que a madeira clara (casquinha) e as paredes brancas reflectem a luz e emprestam ao interior uma alegria que a côr de um ou outro objecto decorativo pontualmente acentuam.

O conforto que um isolamento mais adequado da cobertura, portas e janelas exteriores novas e a madeira nos pavimentos e nos tectos vieram proporcionar à casa, contribui igualmente para um ambiente que se nos afigura bastante acolhedor.

A importância dada ao pequeno detalhe, ao pormenor, é sempre muito determinante no sucesso de qualquer obra e, aqui, esse aspecto foi alvo de particular atenção.

Finalmente, ocorre-me fazer um comentário sobre este tipo de intervenção – simples, despretensioso, mas com qualidade – por comparação com a tendência despropositada para uma falsa modernidade nestas intervenções. Agora, não se pode fazer nada que seja “politicamente correcto” sem acrescentar “algo” do tipo “mon cheri” à estrutura existente – “É preciso marcar a intervenção com um sinal evidente da contemporaneidade”, dizem os defensores desta teoria, generalizando um conceito que poderá resultar de forma feliz num ou noutro caso (e, não obstante, sempre muito raramente e com extrema sensibilidade e cautela) mas que não pode evidentemente passar a constituir regra para todas as situações, devendo, isso sim, ser a excepção. De outra forma, não só banalizamos essas intervenções “excepcionais”, como liquidamos a singularidade dos lugares em muito pouco tempo.

Aliás, a contemporaneidade não se traduz, nestas coisas da arquitectura, inevitavelmente, em rotura com a harmonia existente – resultado de um sedimento que só o tempo consegue produzir e que, com estas manifestações egotistas e serôdias, destruiremos de forma irreparável.

Aquilo que nos atrai num lugar não é seguramente uma colecção de disparates desse tipo mas sim a harmonia de uma singularidade local, em que a relação entre a ocupação humana e a natureza resultaram de forma feliz.

Também não é necessário sermos “fundamentalistas” e não permitirmos a diferença seja em que situação fôr, mas daí a fazermos disso regra é que não será seguramente o mais adequado nas intervenções em sítios com este.

A Figueira da Foz, como tantas outras terras, em Portugal, poderá beneficiar bastante e reconquistar ainda mais qualidade ambiental se, na recuperação das suas casas, procurar preservar mais a sua “diferença”, a sua singularidade, aquilo que a faz distinta das outras, ao invés de procurar “enfeitar-se” excessivamente, travestindo-se naquilo que não é.

Por último, e em jeito de ficha técnica, não poderia deixar de referir a excelência da firma construtora – a A. Baptista de Almeida, S.A. -, de Coimbra, que fez um trabalho notável, não só pelo prazo (4 meses!), mas também pela qualidade, empenho e gosto que imprimiu em tudo o que fez. É uma das melhores firmas deste ramo que conheço no País (se não a melhor) e deveria servir de exemplo às demais.

José Baganha